A morte no mundo tardo-romano na região de Montemor-o-Novo: a Necrópole Tardo-Romana da Fonte da Senhora 7

Ana Jorge

Figura 1
Necrópole da Fonte da Senhora 7,
Vista para Oeste.

[1] Mestre em Arqueometria. Trabalho realizado enquanto Arqueóloga da ERA-Arqueologia, Lda.
anasjorge@hotmail.com

[2] Direcção: Ana Jorge; Arqueólogos: Irina Bicho, Bruno Ferreira; Desenhadores: Margarida Caselas, José Pedro Machado.

1. Introdução

Os trabalhos[2] realizados, em 2001, no sítio da Fonte da Senhora 7 integraram-se no plano de minimização de impacto da Barragem dos Minutos, no rio Almansor. Face ao desconhecimento da natureza, complexidade e grau de conservação dos contextos arqueológicos, a intervenção visou a determinação da extensão dos vestígios observados à superfície, e a caracterização e enquadramento cronológico-cultural dos eventuais contextos preservados.

O sítio localizava-se numa plataforma artificial, resultante da extracção de terras junto ao rio. A escavação concentrou-se, inicialmente, em duas sondagens sobre as manchas de maior concentração de materiais, sendo alargada em área, aquando da identificação das primeiras sepulturas. Posteriores alargamentos a Oeste foram realizados por meio de sondagens de diagnóstico, segundo indicações do IPA. As metodologias de escavação e registo utilizadas seguiram as propostas de P. Barker e E. Harris.

2. Caracterização dos contextos arqueológicos

Os contextos arqueológicos identificados enquadram-se em três grandes fases. Às unidades geológicas correspondentes ao substrato rochoso migmatítico (as UE 1 e 87) ou resultantes do seu processo natural de desagregação (a UE 52) segue-se uma sequência estratigráfica de origem antrópica que documenta a utilização funerária do espaço (Fase I), a formação de depósitos em época indeterminada, alguns dos quais resultantes da violação e/ou destruição da necrópole (Fase II), a que se seguiram as acções destrutivas relacionadas com o impacto dos trabalhos de construção da Barragem (Fase III).

2.1. Fase I

Os primeiros vestígios de ocupação do local da Fonte da Senhora 7 correspondem à necrópole de época tardo-romana, da qual foi identificado um conjunto de quinze sepulturas escavadas na rocha. Quatro delas encontravam-se perturbadas por violações ou destruições anteriores ao início das obras, conservando-se apenas a fossa de implantação (Sep. 2 e 12) e parte da estrutura interna (Sep. 1 e 7).
A ocupação tardo-romana documenta-se por uma estratigrafia horizontal de enterramentos em que cada sepultura se apresenta como uma unidade estrutural autónoma, não sendo possível estabelecer um faseamento geral de momentos distintos de utilização da necrópole.

No que respeita ao faseamento interno de cada unidade tumular, apenas se regista uma reutilização funerária na Sepultura 9. As restantes sepulturas representam um único momento de enterramento. O interior de cada sepultura encontrava-se preenchido por dois depósitos, separados por um interface de utilização correspondente à superfície de deposição das oferendas. O depósito que cobria directamente a base das sepulturas

Os primeiros vestígios de ocupação do local da Fonte da Senhora 7 correspondem à necrópole de época tardo-romana, da qual foi identificado um conjunto de quinze sepulturas escavadas na rocha.

deverá corresponder às terras que envolviam directamente o corpo inumado e os materiais perecíveis envolvidos na ritualização da morte (mortalhas, caixões de madeira...). A contaminação por elementos químicos produzidos durante a decomposição da matéria orgânica poderá ser responsável pela diferença de cor que levou à individualização deste depósito. A formação do depósito que se lhe sobrepunha deveu-se provavelmente ao enchimento progressivo do interior das sepulturas, ao longo do tempo devido a escorrimento de terras, mais do que ao seu enchimento deliberado, antes da colocação da cobertura.

Quanto à Sepultura 9, a primeira utilização está documentada pela fossa de implantação escavada na rocha, e por dois depósitos de enchimento (as UE 64 e 54), separados por uma interface de utilização (UE 66), à semelhança do que foi descrito para os restantes túmulos. O segundo momento de utilização implicou a construção de uma pequena estrutura sub-rectangular (UE 53), da qual se conservavam dois blocos paralelepipédicos, dispostos de cutelo. Apesar do elevado grau de perturbação da sepultura não permitir recuperar com precisão a sua arquitectura e estratigrafia interna, a presença de um recipiente de cerâmica comum (embora muito fragmentado), no depósito que cobria a UE 53, aponta para uma segunda deposição funerária ou para uma reelaboração da sepultura relacionada com a prática dos ritos funerários.

2.2. Fase II

Aos contextos arqueológicos relacionados directamente com a ocupação funerária sobrepõe-se um conjunto de depósitos de natureza pouco clara, cujo único elemento comum é o facto de se inserirem numa fase cronologicamente nublosa, que se desenrola entre o último enterramento ou visita ritual à necrópole (Fase I) e o início do impacto das obras da Barragem (Fase III). Estes incluem não só depósitos de formação posterior à cobertura intencional das sepulturas, mas também unidades resultantes da destruicão e/ou violação das Sepulturas 1 (a UE 5), 2 (as UE 18, 19 e 21) e 7 (a UE 28). Estas correspondem a depósitos heterogéneos que integram elementos de cerâmica de construção e/ou blocos pétreos, sugerindo o entulhamento das sepulturas após a destruição parcial (Sep. 1 e 7) ou total (Sep. 2) da estrutura tumular (nomeadamente, dos muretes laterais).

2.3. Fase III

A fase III integra todos os contextos arqueológicos cujo processo de formação se encontra directamente relacionado com a circulação de veículos pesados e os trabalhos de extracção de terras realizados no local até à identificação do sítio arqueológico.

Foram individualizadas várias unidades estratigráficas resultantes da desagregação do afloramento rochoso por acção mecânica (as UE 2, 7, 13, 17 e 22), da deposição de terras transportadas de outros locais (as UE 3 e 4), e de acções de carácter mais destrutivo que conduziram à formação de três grandes valas de orientação Norte-Sul, duas das quais (as UE 100 e 101) provocaram os impactos mais negativos nas estruturas tumulares. A vala UE 100 cortou as Sepulturas 4, 5 e 6 e deverá ainda ter sido responsável pela formação das UE 17 e 24, as quais documentam a destruição recente da Sepultura 5. A vala UE 101 cortou o segmento sudeste da Sepultura 7 e o segmento central da Sepultura 2.

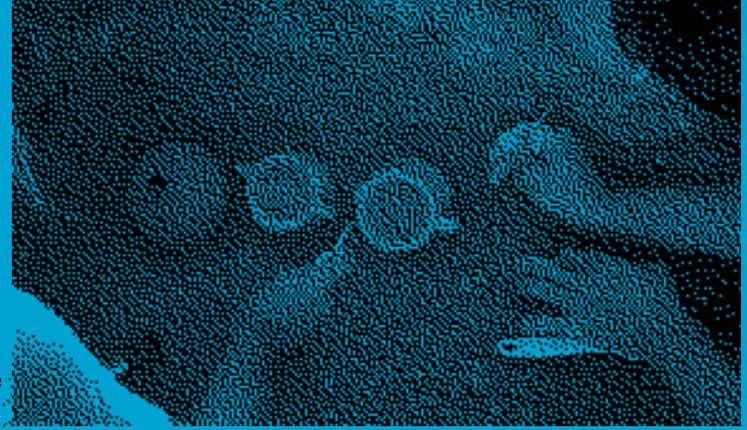
Das 15 sepulturas identificadas, 10 forneceram espólio funerário, disposto sempre no interior da sepultura. Embora as oferendas tenham sido genericamente colocadas nas extremidades ou junto às paredes do sepulcro, a sua disposição apresenta algumas variações dignas de nota.

3. O espólio funerário

3.1. Padrões de organização do espólio funerário

Das 15 sepulturas identificadas, 10 forneceram espólio funerário, disposto sempre no interior da sepultura. Embora as oferendas tenham sido genericamente colocadas nas extremidades ou junto às paredes do sepulcro, a sua disposição apresenta algumas variações dignas de nota.

Nos casos em que o espólio ritual é constituído por um único objecto, nomeadamente, por um recipiente cerâmico (Sep. 4, 8, 13 e 14), este localiza-se junto à cabeceira, sempre tombado para o interior, como se estivesse apoiado num suporte entretanto desaparecido. No caso de oferendas funerárias múltiplas, a distribuição dos objectos seguiu organizações diversas. Na Sepultura 9, por exemplo, as oferendas foram colocadas nos pés e junto às duas paredes laterais da fossa, enquanto na



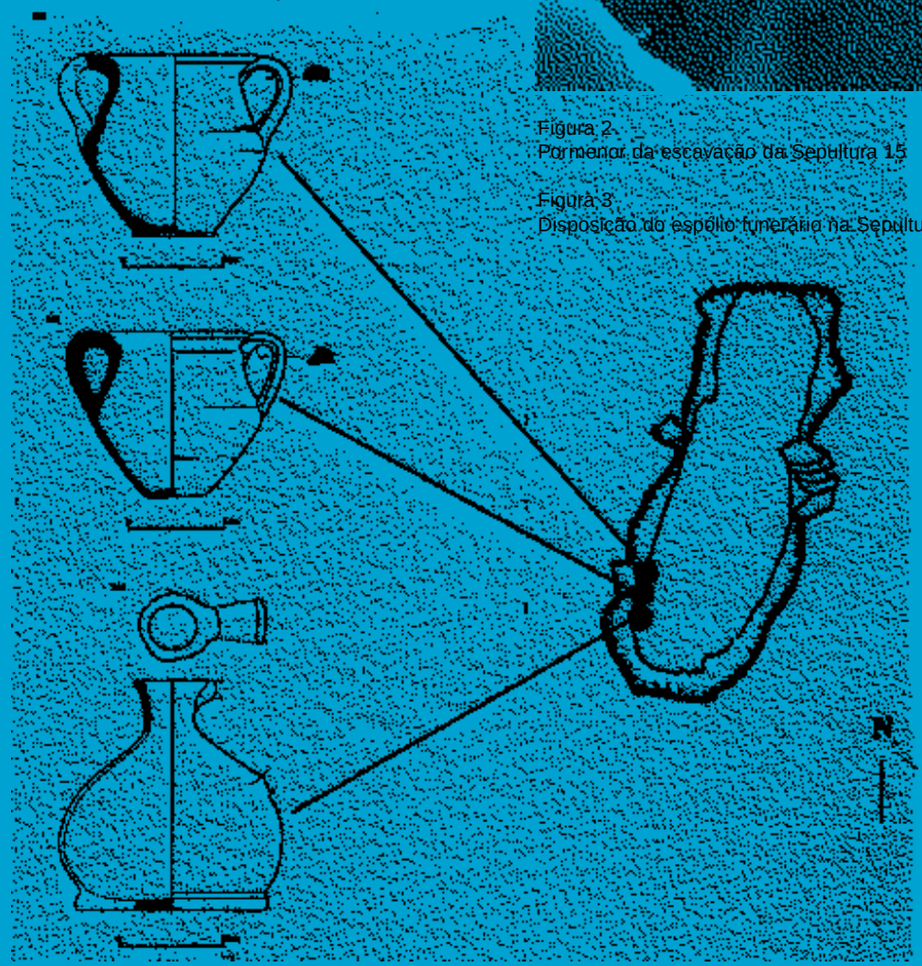


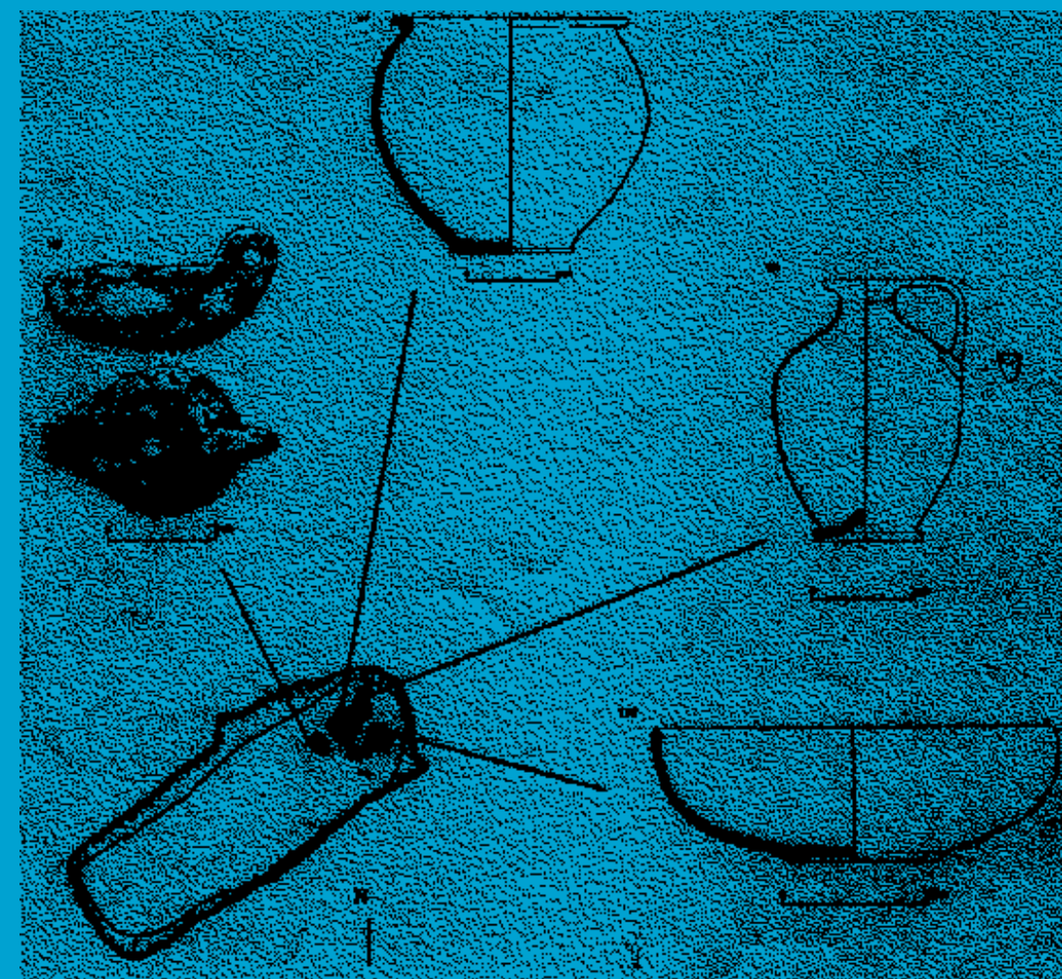
Figura 2
Pormenor da escavação da Sepultura 15

Figura 3
Disposição do espólio funerário na Sepultura 15

Sepultura 15 *(fig. 2 e 3)* os três recipientes cerâmicos se encontram juntos e alinhados, encostados à parede lateral da fossa, próximo da extremidade Sul, a qual deverá corresponder à cabeceira. Quanto à Sepultura 6, a destruição de grande parte da estrutura tumular não permite determinar com rigor o padrão de distribuição das oferendas, embora seja clara a concentração dos recipientes junto à parede Norte da fossa.

As Sepulturas 10 e 11 são aquelas que apresentam o espólio mais numeroso e diversificado. Este concentra-se, em ambos os casos, junto a uma ou a ambas as extremidades da fossa tumular, mas alguns recipientes da Sepultura 11 *(fig. 4 e 5)* surgem no centro do espaço sepulcral. As Sepulturas 10 e 11 caracterizam-se ainda pela presença de um conjunto considerável de pregos de grandes dimensões (tipo cavilha), dispostos ao longo das paredes das fossas e definindo um perímetro rectangular *(fig. 15)*. A sobreposição de três destes pregos nos cantos da extremidade Oeste da Sepultura 11 contribuem para comprovar a existência de um caixão de madeira.

Uma vez que o caixão ocupa praticamente todo o espaço de enterramento disponível, são formuláveis duas hipóteses explicativas para o padrão de distribuição do espólio



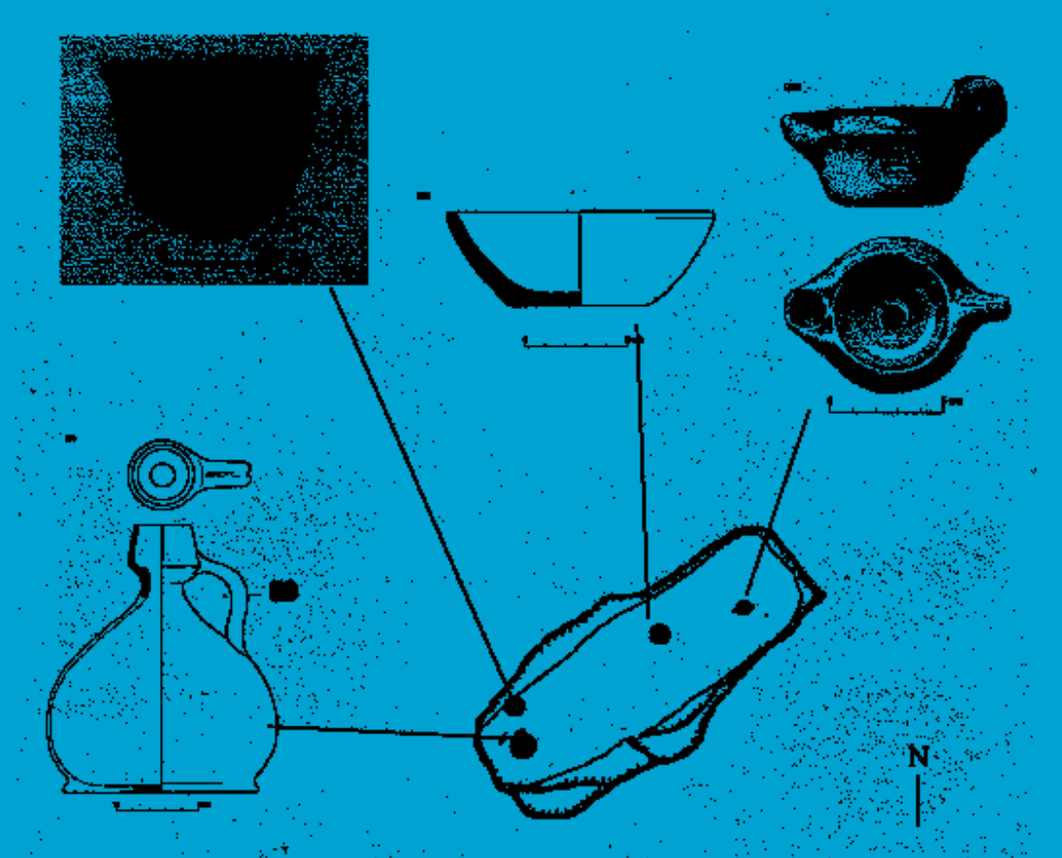


Figura 4
Disposição do espólio funerário na sepultura 10.

Figura 5
Disposição do espólio funerário na sepultura 11.

funerário nestas sepulturas. Por um lado, as oferendas podem ter sido colocadas sobre o caixão, opção que explicaria tanto a distribuição dos recipientes por todo o espaço de enterramento, como a disposição caótica dos mesmos (tombados uns sobre os outros) como resultado da desintegração do suporte. Por outro lado, a concentração de materiais arqueológicos nas extremidades de fossas de grande dimensão poderia sugerir a colocação das ofertas maioritariamente no interior do caixão. A hipótese mais plausível parece ser a primeira, pois, a ajuizar pela identificação de pregos em posição vertical junto às paredes da fossa, em ambos os casos, o caixão deveria estar selado no momento de celebração dos rituais fúnebres no local de sepulcro.

3.2. Caracterização do espólio funerário

O espólio funerário recolhido na Necrópole da Fonte da Senhora 7 é constituído por 16 recipientes cerâmicos inteiros ou praticamente inteiros, 3 lucernas, 3 recipientes de vidro inteiros ou parcialmente inteiros, vários objectos metálicos (276 elementos) e 2 contas de colar em vidro[3]. Acrescem a estes outros materiais arqueológicos que, embora não possam ser enquadrados na categoria das oferendas fúnebres, foram recolhidos no interior das sepulturas e são fundamentais para a compreensão dos rituais funerários que presidiram à utilização deste espaço, em época tardo-romana: os pregos.

3.2.1. Os recipientes cerâmicos

O conjunto dos recipientes cerâmicos[4] caracteriza-se pela grande homogeneidade morfológica e decorativa, verificando-se a ausência de decoração e a estandardização e pouca variabilidade das formas. Foi possível reconstituir um leque formal restrito, num total de 6 púcaros, 3 bilhas, 2 jarros (incompletos), 1 pote e 1 tigela, todos de cerâmica comum, e 3 exemplares representando imitações ou formas tardias de *terra sigillata (fig. 6).*

Entre os púcaros encontram-se exemplares de corpo troncocónico, com carena pouco pronunciada e bases planas angulosas ou em anel, genericamente enquadráveis no subtipo 2 de Nolen, e um exemplar de corpo ovalado e bordo contracurvado, enquadrável no subtipo 3 da mesma autora (Nolen, 1995/97). Pouco comum, mas com paralelos nas necrópoles romanas do Alto Alentejo (Nolen, 1985), é um púcaro proveniente da Sepultura 6, de grandes dimensões, com corpo esférico, colo curto estrangulado, cuja principal característica é apresentar bico e uma única asa, colocada lateralmente e não em oposição ao bico *(fig. 14).*

As bilhas incluem dois exemplares de gargalo curto e/ou afunilado, corpo ovóide e base plana angulosa ou plana com rebordo (subtipo 1, variante j), e uma bilha de bojo baixo e achatado, com gargalo em dobra (subtipo 5, variante f: Nolen, 1995/97), provida de uma asa plana com três caneluras.

O único pote recolhido durante a escavação (Sep. 10) caracteriza-se pelo corpo ovóide, o bordo redondo, esvertido em aba e a base plana com rebordo, representativo do subtipo 2, variante f (Nolen, 1995/97), também presente na necrópole de Valdoca, onde foi identificado um exemplar de morfologia idêntica (Alarcão & Alarcão, 1966).

O estudo preliminar das taças de *terra sigillata* clara sugere, para um dos exemplares, a atribuição da forma 14/17 de Hayes, provavelmente de fabrico C, cuja produção deverá centrar-se em meados do século III e inícios do século IV. Quanto à outra taça, de pasta rosa-alaranjada bem depurada, o mau estado de conservação permite apenas avançar como hipóteses as formas 52 ou 71 B de Hayes, num fabrico C ou D, remetendo, em ambos os casos, para cronologias tardias de século IV e V. A estas acresce uma imitação, em cerâmica comum, da forma 6 B de Hayes para a *sigillata clara* A.

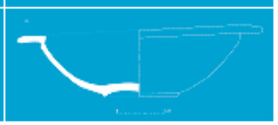
Tipos	Descrição	Nº de Presenças	Representação gráfica
1	Púcaros	6	
2	Bilhas	3	
3	Jarros	2	
4	Potes	1	
5	Tigelas	1	
6	Imitações e *sigillatae* tardias	3	

Figura 6
Tabela tipológica dos recipientes cerâmicos.

O espólio funerário recolhido na Necrópole da Fonte da Senhora 7 é constituído por 16 recipientes cerâmicos inteiros ou praticamente inteiros, 3 lucernas, 3 recipientes de vidro inteiros ou parcialmente inteiros, vários objectos metálicos (276 elementos) e 2 contas de colar em vidro

Das três lucernas que constituem o espólio funerário da Necrópole da Fonte da Senhora 7, duas apresentam pastas alaranjadas claras muito depuradas e homogéneas; o terceiro exemplar é uma peça de cerâmica comum de base plana espessada, disco circular, enquadrado por uma canelura, e asa semicircular. A ausência de decoração em todos os exemplares e o mau estado de conservação das peças de pasta fina criam sérias limitações aos enquadramentos tipológicos e cronológicos destes artefactos.
No entanto, a lucerna de cerâmica comum poderá remeter para produções tardias, possivelmente enquadráveis no tipo 3 E de Lerat, que o autor considera atribuível aos séculos III e IV e que encontra paralelos na Necrópole de Valdoca (Alarcão & Alarcão, 1966).

[3] Destas, apenas uma provém de contextos funerários seguros (Sepultura 5), tendo o segundo exemplar sido recolhido num depósito de revolvimentos recentes (a UE 4), embora sobre a área ocupada pela mesma sepultura.

[4] Para a categoria dos recipientes cerâmicos, procedeu-se a uma caracterização que teve por base, para os atributos descritivos, a tabela analítica realizada aquando do primeiro estudo genérico das cerâmicas do povoado dos Perdigões, em 1997 (Valera, 1998), e para as questões tipológicas, a classificação proposta por J. Nolen para as necrópoles romanas do Alto Alentejo (Nolen, 1981, 1985, 1988, 1995/97).

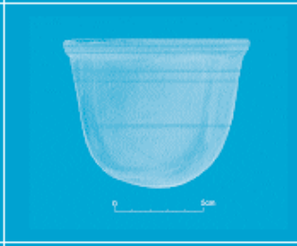
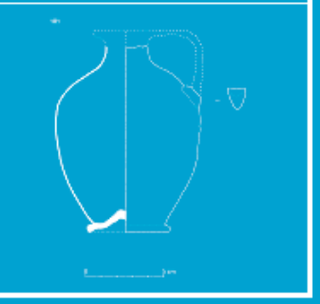
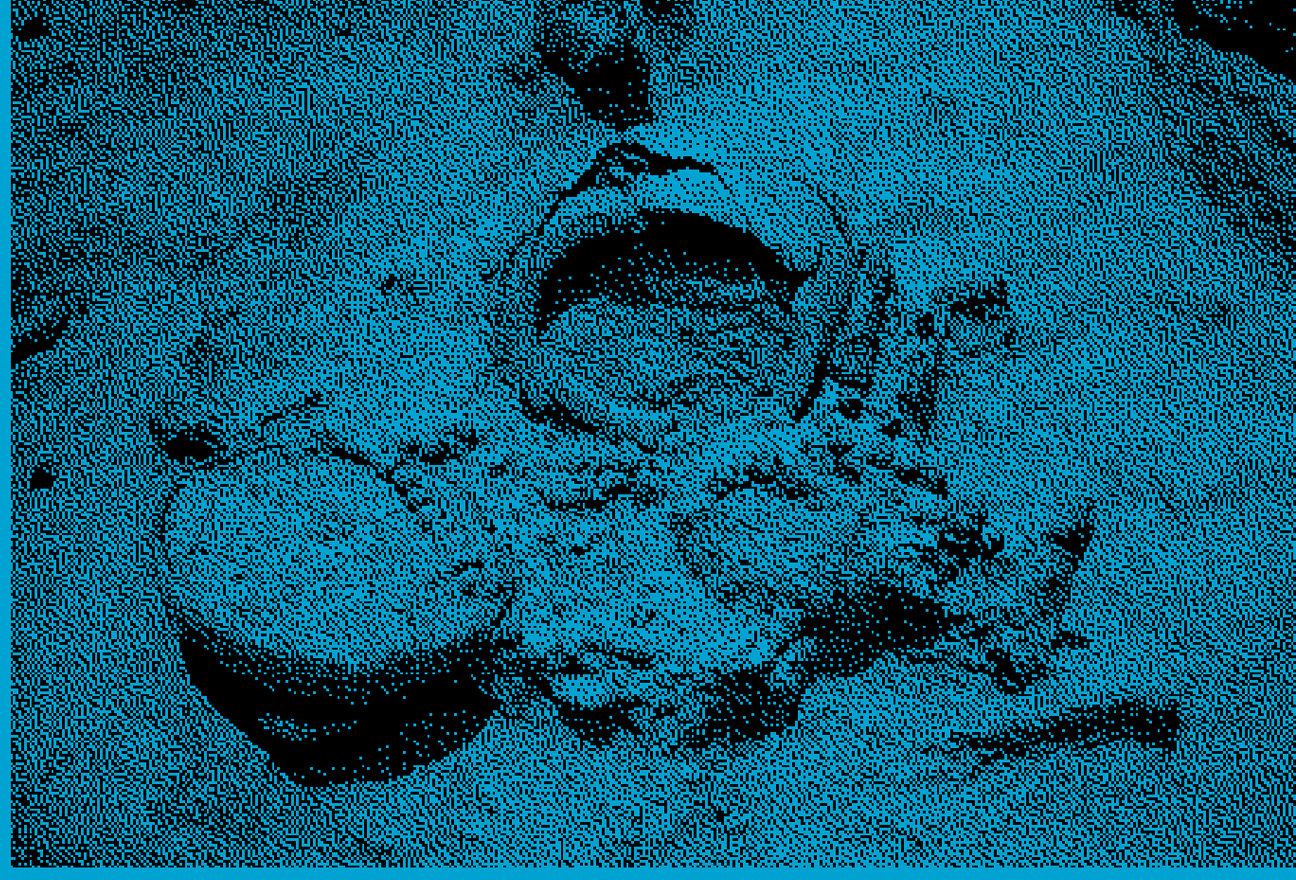
Descrição	Tipologia	Imagem
1 copo tronco-cónico de bordo esvasado em vidro transparente verde	Tipo 106 de Isings	
1 jarro de vidro transparente ambar	Tipo 120 de Isings	

Figura 7
Tabela tipológica dos recipientes de vidro.

Figura 8
Espólio funerário da Sepultura 10.



3.2.2. Os recipientes de vidro

Do espólio funerário recolhido na Necrópole da Fonte da Senhora 7 *(fig. 7)*, fazem parte três recipientes de vidro, dois provenientes da Sepultura 10 e um da Sepultura 11. O único recipiente de forma totalmente reconstituível é um copo tronco-cónico de bordo esvasado de vidro transparente verde. Este exemplar, de paredes rectilíneas e ligeiramente divergentes, arqueando junto ao bordo, apresenta uma decoração simples em estrias horizontais paralelas, organizadas em conjuntos de duas ou três bandas desenhadas no bordo e no corpo da peça. Pode ser enquadrada no tipo 106 de Isings, característico do século IV e com paralelos directos em Conímbriga (Alarcão, 1965), na Herdade da Comenda da Igreja, em Montemor-o-Novo (Alarcão *et al.*, 1976) e na Necrópole de S. Sebastião, em Setúbal (Silva, 1965). Parcialmente reconstituível, é um jarro de vidro transparente âmbar ou branco, de corpo ovóide, pé em anel e asa de secção triangular, características que sugerem a sua inserção no tipo 120 (provavelmente 120a) de Isings, com cronologia do século IV (Isings, 1957).

3.2.3. Os elementos metálicos

Entre os objectos metálicos (todos em ferro) recolhidos durante a escavação da necrópole, contam-se 268 tachas, 54 pregos e 8 objectos de classificação indeterminada[5]. A maioria destes objectos, bem como a totalidade dos pregos e tachas, é proveniente das Sepulturas 10 (25 pregos e 172 tachas) e 11 (29 pregos e 86 tachas).

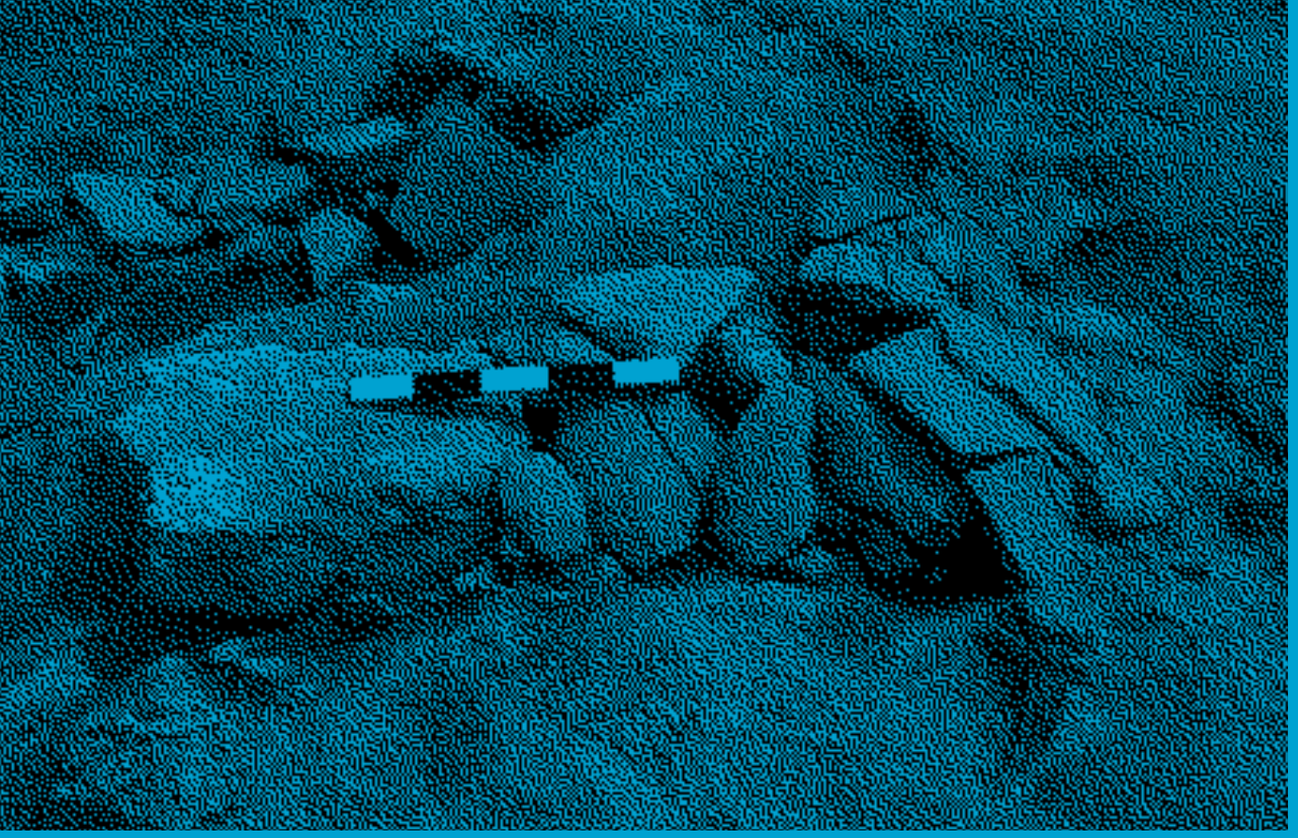
As tachas surgiram localizadas nas extremidades Este de ambas as Sepulturas, 10 e 11, agrupadas em duas manchas informes que deverão ter correspondido a artefactos fabricados sobre um suporte perecível (por exemplo, em pele ou madeira). A acidez dos solos não permitiu a conservação desse suporte e a dispersão das tachas não evidencia nenhuma forma específica atribuível a uma categoria de artefactos, embora alguns exemplares se encontrassem ainda unidos, descrevendo fiadas *(fig. 8)*. A conjugação destas matérias-primas (material perecível e elementos de ferro) sugere a presença de acessórios de vestuário associados, ou não, ao porte de armas (cinturões, bainhas de espadas ou punhais, etc.).

[5] Entre estes, contam-se um segmento de lâmina de forma subtriangular (Sepultura 4), objectos puntiformes, cujo elevado grau de deterioração não permite perceber se correspondem a exemplares completos ou meros segmentos de utensílios de maiores dimensões (Sepulturas 10 e 11), uma argola (Sepultura 10), um pequeno artefacto fragmentado cujas características gerais sugerem tratar-se de um elemento de adorno (Sepultura 9) e um elemento informe (Sepultura 5).

4. Arquitectura Funerária

Tipologicamente, as sepulturas da Necrópole da Fonte da Senhora 7 dividem-se em dois grupos: o primeiro diz respeito às sepulturas elaboradas (6 das 15 identificadas), com revestimentos laterais e coberturas, caracterizadas por estruturas em forma de ‘caixa’; o segundo diz respeito às sepulturas em fossa simples (7 das 15). Registam-se ainda dois casos (as Sep. 2 e 12) em que o elevado grau de

Tipologicamente, as sepulturas da Necrópole da Fonte da Senhora 7 dividem-se em dois grupos: o primeiro diz respeito às sepulturas elaboradas (6 das 15 identificadas), com revestimentos laterais e coberturas, caracterizadas por estruturas em forma de 'caixa'; o segundo diz respeito às sepulturas em fossa simples (7 das 15)



destruição não permite determinar a tipologia das sepulturas. Com dimensões variando entre 2,30 m e 1,40 m de comprimento e 0,66 m e 1 m de largura máxima, estas sepulturas são constituídas por, ou construídas no interior de fossas maioritariamente rectangulares ou sub-rectangulares, embora também possam ser elipsoidais (Sep. 8). As suas bases são regulares e nunca apresentam qualquer tipo de revestimento.

No caso das sepulturas em 'caixa', a estrutura arquitectónica ocupa, em geral, todo o espaço interno da fossa, donde resultam igualmente sepulturas de planta rectangular ou sub-rectangular. As duas únicas excepções são a Sepultura 3, de planta trapezoidal, e a Sepultura 8, de forma elipsoidal, construída na extremidade Noroeste de uma fossa de dimensões muito superiores às da estrutura sepulcral. Dos 6 exemplares que constituem este grupo, metade mantinha ainda uma cobertura sobre toda a superfície da sepultura. Para os restantes não foi possível determinar se a ausência de cobertura resultou de perturbações pós-deposicionais, embora as características arquitectónicas apontem nesse sentido.

As coberturas são construídas com lajes graníticas (Sep. 3), tijoleira quadrangular (Sep. 4) ou associando ambos os materiais de construção (Sep. 8), geralmente dispostos transversalmente de forma a cobrir toda a largura da "caixa sepulcral" *(fig. 9)*. Esta "caixa" apresenta sempre duas paredes laterais, que revestem a fossa de implantação e aproveitam geralmente pequenos degraus escavados na parede rochosa *(fig. 10)*. Esses muretes laterais podem ser erguidos com lajes e imbrices, exclusivamente com ladrilhos ou exclusivamente com imbrices, verificando-se casos em que, na mesma sepultura, se utilizaram materiais de construção diferentes para cada um dos muretes (Sep. 7 e 8).
No caso da Sepultura 8, estes integram ainda fragmentos de recipientes cerâmicos de grandes dimensões (os quais não permitiram reconstituição de forma). Os elementos constituintes destes muretes são geralmente colocados deitados, no sentido longitudinal, acompanhando a direcção dos paramentos. As únicas excepções são a parede Sul da Sepultura 8 e as paredes da Sepultura 1, onde os blocos pétreos foram colocados ao alto.

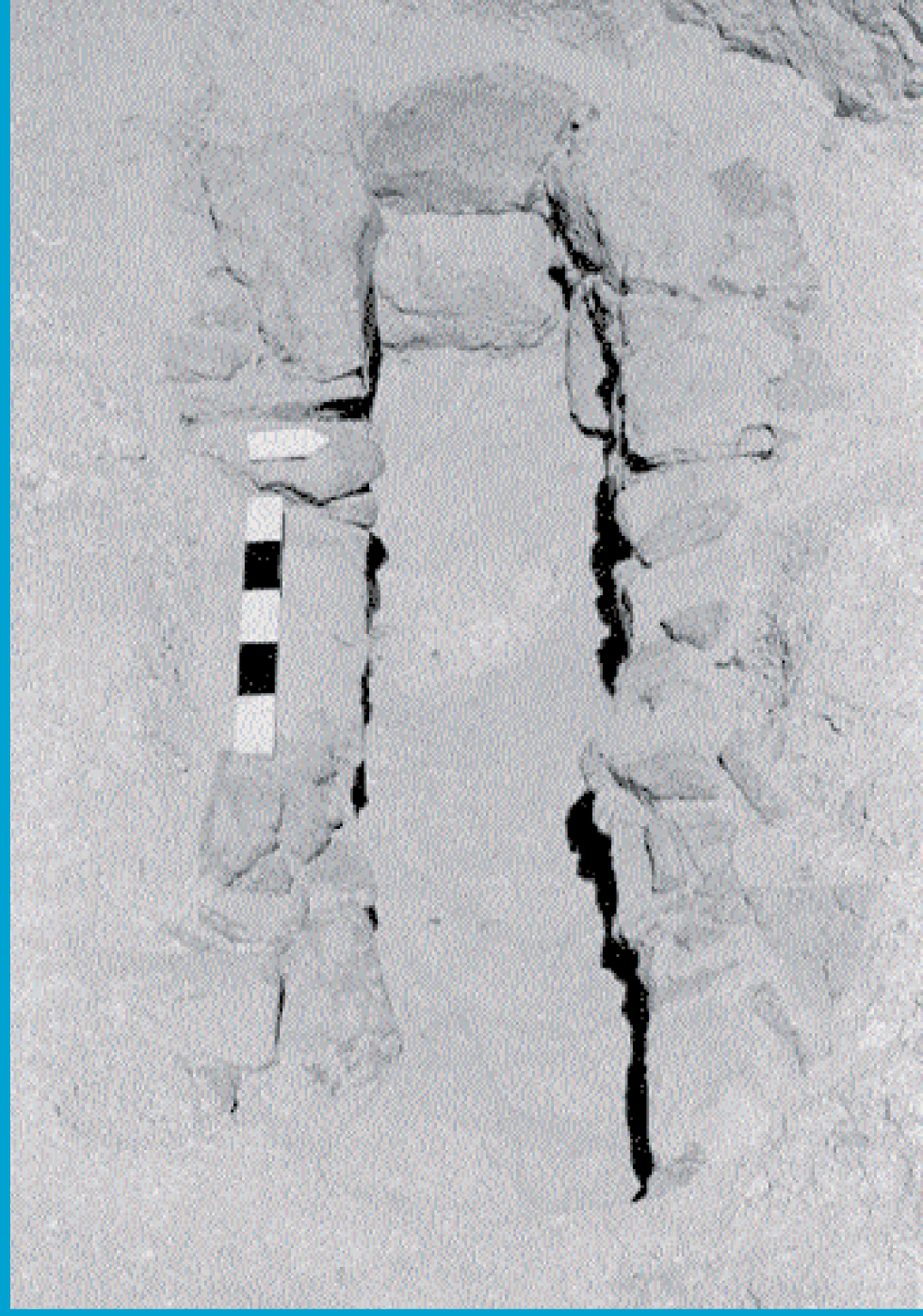


Figura 9
Sepulturas tipo "caixa", antes da remoção da cobertura (Sepultura 3 em grande plano e 4 em plano recuado).

Figura 10
Estruturação interna das sepulturas tipo "caixa". (Sepultura 3)

Nos casos de arquitectura mais elaborada, a cabeceira encontra-se sempre na extremidade Oeste, verificando-se uma orientação das sepulturas genericamente virada a Levante. Predominam duas variações da orientação Oeste-Este, nomeadamente OSO-ENE ou SO-NE, e NO-SE ou ONO-ESE. A cabeceira é construída com lajes ou imbrices, dispostas na vertical (Sep. 1, 3 e 4) ou na horizontal (Sep. 5 e 8). A cabeceira da Sepultura 1 é constituída por um grande fragmento de *tegula*, o único encontrado em contextos conservados na Necrópole da Fonte da Senhora 7.

A organização interna do espaço funerário parece obedecer, sobretudo, a questões de economia de espaço, não sendo possível definir núcleos ou enquadrar as sepulturas num faseamento temporal, com base na sua orientação específica

5. Organização interna do espaço funerário

A análise dos esquemas organizativos do espaço funerário envolve sempre a reconstituição dos desenvolvimentos topográficos ao longo dos momentos de utilização da necrópole. Esta imagem dinâmica exige o cruzamento de vários critérios: a cronologia, determinada pela análise do espólio, o faseamento estratigráfico, a tipologia e orientação das sepulturas, o seu espaçamento e a natureza e quantidade do seu mobiliário individual (Tranoy, 2000).

A compreensão dos modos de organização interna das necrópoles (principalmente não monumentais) com base em dados arqueológicos conhece geralmente obstáculos: em primeiro lugar, devido ao desaparecimento de elementos estruturantes significativos (como são o caso das estruturas de delimitação externa, dos elementos de sinalização e dos espaços de circulação) que permitam a identificação de restruturações do espaço ao longo do tempo; em segundo lugar, porque as balizas cronológicas fornecidas pelo espólio funerário são frequentemente demasiado latas para permitir diferenciar entre momentos específicos de utilização.

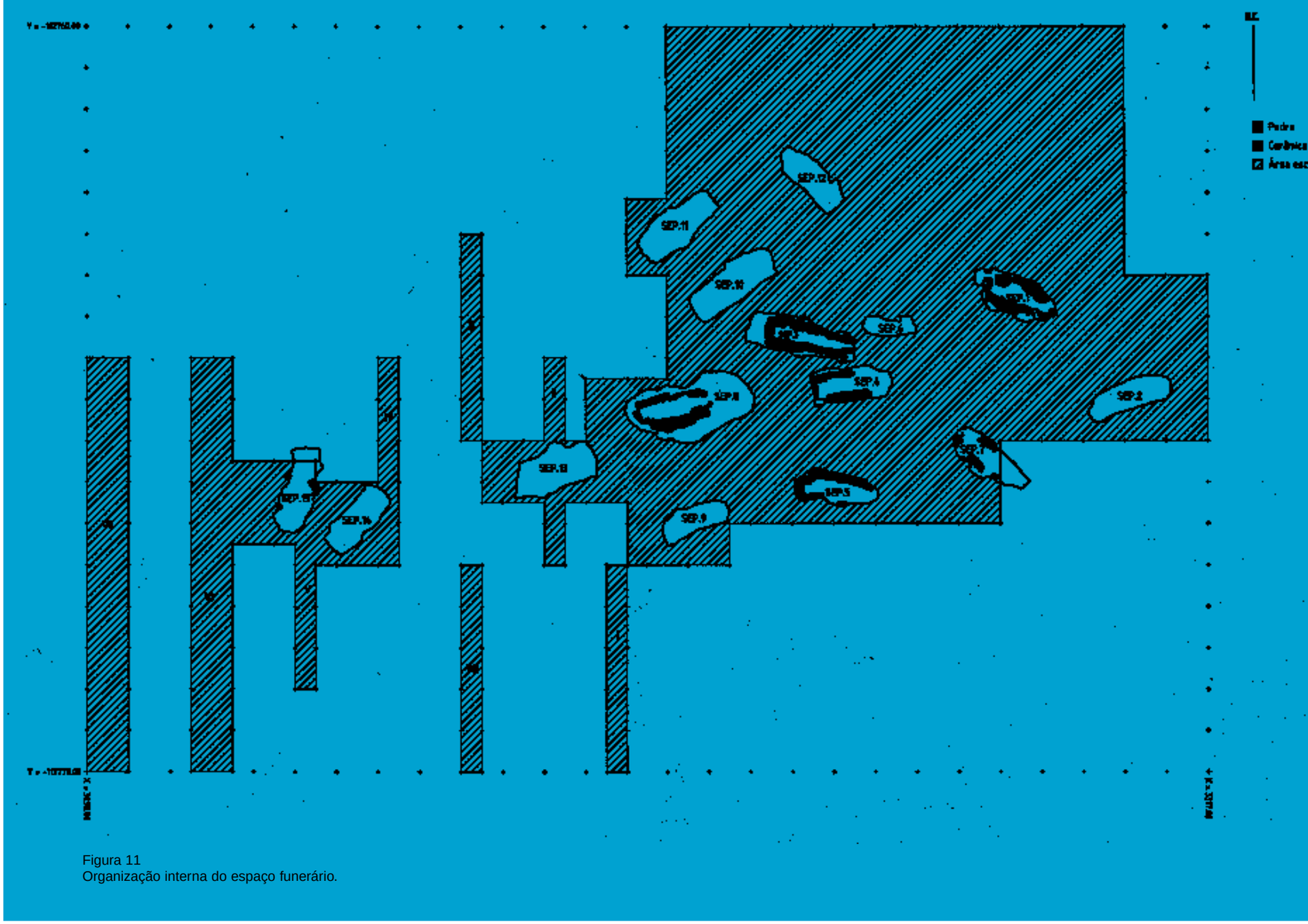


Figura 11
Organização interna do espaço funerário.

O estudo da dinâmica de utilização da Necrópole da Fonte da Senhora 7 conhece limitações acrescidas. Embora tenha sido escavada toda a área onde se observavam vestígios arqueológicos, a remoção de terras a Este, Nordeste e Sudeste do local da intervenção, antes do início dos trabalhos arqueológicos impede qualquer tentativa de reconstituir os limites do espaço funerário e sua implantação topográfica. Por conseguinte, não é possível avaliar a representatividade do conjunto de sepulturas identificadas (15) e da área escavada (cerca de 180 m², 160 dos quais com utilização funerária): os vestígios identificados tanto podem representar apenas um pequeno núcleo de uma necrópole de muito maiores dimensões e com utilizações sucessivas ao longo do tempo, como corresponder à quase totalidade do espaço funerário.
A identificação de numerosos materiais arqueológicos (nomeadamente cerâmica de construção), nos aterros recentes, argumenta a favor do prolongamento da necrópole e demonstra a impossibilidade de recuperar a extensão máxima do sítio arqueológico.

Tendo presentes estas limitações interpretativas, a organização interna do espaço funerário da necrópole em estudo parece obedecer, sobretudo, a questões de economia de espaço, não sendo possível definir núcleos ou enquadrar as sepulturas num faseamento temporal, com base na sua orientação específica. No entanto, as sepulturas de "caixa" interna localizam-se todas na zona central e Este do espaço funerário, enquanto as sepulturas de fossa simples parecem ocupar preferencialmente a área Oeste da necrópole *(fig. 11)*. Adicionalmente, a proximidade e semelhança tipológica e topográfica das Sepulturas 10 e 11 distinguem-nas das restantes sepulturas em fossa simples. Embora não seja possível diferenciar padrões de organização espacial das

sepulturas com enquadramentos cronológicos específicos, o estudo integrado das características estruturais e arquitectónicas e da natureza e dimensão do mobiliário funerário contribuem para a separação de dois grandes núcleos de sepulturas: as Sepulturas 10 e 11, por um lado, e as restantes, por outro.

O agrupamento das Sepulturas 10 e 11, paralelas entre si, constituídas por fossas rectangulares regulares, justifica-se pela sua orientação Sudoeste-Nordeste, a documentação exclusiva do uso de caixões e a abundância de oferendas diversificadas. De facto, as Sepulturas 10 e 11 forneceram não só recipientes de cerâmica comum (incluindo lucernas) e cerâmica fina (*sigillata*), mas também a maioria dos artefactos metálicos e a totalidade dos objectos de vidro e das tachas, o que contrasta claramente com a parcimónia do espólio das restantes sepulturas. A semelhança arquitectónica destas duas sepulturas contrasta também com a diversidade de opções arquitectónicas que caracteriza a necrópole, quer ao nível da estruturação interna, quer ao nível da orientação das sepulturas.

De facto, um certo polimorfismo arquitectónico verifica-se tanto ao nível da selecção dos materiais de construção, como ao nível da morfologia das fossas de implantação, associando-se a uma distribuição aparentemente caótica das sepulturas, entre as quais predomina, contudo, uma orientação de tendência Este-Oeste. Esta situação reproduz aquilo que se verifica para outras necrópoles do mesmo período, no Nordeste Alentejano (Frade & Caetano, 1993) e contribui para reforçar a imagem de diversidade, ou melhor, de não uniformização rigorosa dos ritos funerários, tanto ao nível inter-regional como intra-regional, que tem vindo a emergir de sínteses recentes sobre o mundo dos mortos, em várias regiões do Império (Ferdière, 1993a).

6. O mundo dos mortos e o mundo dos vivos: a Necrópole da Fonte da Senhora 7 no contexto da ocupação rural romana na região de Montemor-o-Novo

6.1. Práticas funerárias na Necrópole da Fonte da Senhora 7

Os contextos escavados no sítio da Fonte da Senhora 7 enquadram-se no âmbito dos rituais funerários de época romana. Os vestígios arqueológicos identificados remetem, pelas características de organização interna do espaço funerário, pela tipologia e orientação das sepulturas e pela natureza e disposição do espólio, para momentos tardios dentro da cronologia romana. Os dados apontam para uma utilização centrada na primeira metade do século IV, embora enquadrável numa fase cronológica de maior amplitude, que compreende os finais do século III e grande parte do século IV. As pequenas diferenças cronológicas apresentadas pelas sepulturas não devem ser interpretadas como indicadores de momentos de utilização funerária individualizáveis, mas sim como resultado das características específicas do limitado conjunto de contextos com os quais é possível estabelecer paralelos datáveis.

Embora vários tipos de enterramento em fossa simples (por vezes, com molduras de pedra ou em caixões de madeira) perdurem, dentro do período romano, do século I até ao século VII d.C. (Brissaud, 1993), a predominância da inumação parece datar de meados do século II, nalgumas regiões do Império (ex. País Valenciano: Gonzalez Villaescusa, 1993), e de momentos mais avançados do séc. III ou IV, noutras (Ferdière, 1993b; Galliou, 1993). Já a utilização de ladrilhos na elaboração das estruturas sepulcrais parece ter-se difundido, essencialmente, a partir de inícios do século IV (Laiz Reverte & Berrocal Caparrós, 1992). Algumas sepulturas da

Sepultura	Conjuntos artefactuais		Cronologia	
4	Cerâmica	jarro	indeterminada	indet.
6	Cerâmica	púcaro	s. II / meados do s. III	a partir do s. II
		púcaro	indeterminada	
		taça		
8	Cerâmica	jarro		indet.
9	Cerâmica	bilha	meados do s. II / inícios do s. IV	s. IV
		T.S. Clara	s. IV / s. V (?)	
		lucerna	indeterminada	
10	Cerâmica	pote	s. II / meados do s. III?	finais do s. III / s. IV
		T.S. Clara	finais do s. III / finais do s. IV	
		lucerna	indeterminada	
	Vidro	jarro	s. IV	
11	Cerâmica	bilha	finais do s. I / inícios do s. III	s. III / s. IV
		taça	indeterminada	
		lucerna	s III / s. IV	
	Vidro	copo	s. IV	
13	Cerâmica	púcaro	meados do s.II / inícios do s. IV	meados do s.II / inícios do s. IV
14	Cerâmica	púcaro	meados do s.II / inícios do s. IV	meados do s.II / inícios do s. IV
15	Cerâmica	bilha	finais do s. I / inícios do s. III	finais do s. I / inícios do s. IV
		púcaro	meados do s.II / meados do s. III	
		púcaro	até meados do III / inícios do IV	

Figura 12
Datações relativas de cada sepultura co base na caracterização tipológica do espólio.do espaço funerário.

Necrópole da Fonte da Senhora 7 poderiam mesmo enquadrar-se nas chamadas sepulturas “visigóticas”, constituídas por “caixas” de lajes ou cerâmica de construção (ladrilhos e imbrices), com uma peça de cerâmica comum colocada à cabeceira e, por vezes, acompanhada por escassos objectos metálicos (Sep. 4, 5, 8, 13, 14 e 15). A ausência de elementos associáveis a ambientes de filiação cultural cristã não deixa de ser significativa.

O enquadramento cronológico de vestígios desta natureza tem de ser cauteloso, já que atribuições de cronologias tardias se baseiam frequentemente em caracterizações por ausência, às quais está frequentemente subjacente uma imagem de “empobrecimento” económico do mundo romano na Antiguidade Tardia. É neste contexto que a diminuição do número e qualidade das oferendas, com a menor representatividade das cerâmicas importadas e a substituição das lucernas importadas pelas de fabrico regional, tem sido relacionada com o avanço da cronologia dos enterramentos (Frade & Caetano, 1993).

Os dados apontam para uma utilização centrada na primeira metade do século IV, embora enquadrável numa fase cronológica de maior amplitude, que compreende os finais do século III e grande parte do século IV

Com base neste critério cronológico, as Sepulturas 9, 10 e 11 corresponderiam a uma fase mais antiga da Necrópole da Fonte da Senhora 7, seguindo-se as Sepulturas 6 e 15, numa fase intermédia e, numa fase final, as Sepulturas 3, 4, 5, 8, 13 e 14. Contudo, a caracterização do espólio funerário não permite sustentar este faseamento, apenas fornecendo balizas cronológicas relativamente amplas e cujos limites devem ser considerados flexíveis (principalmente, porque as formas de cerâmica comum perduram para além dos raros contextos datáveis).

Figura 13
Espólio funerário da Sepultura 11: Recipientes cerâmicos.

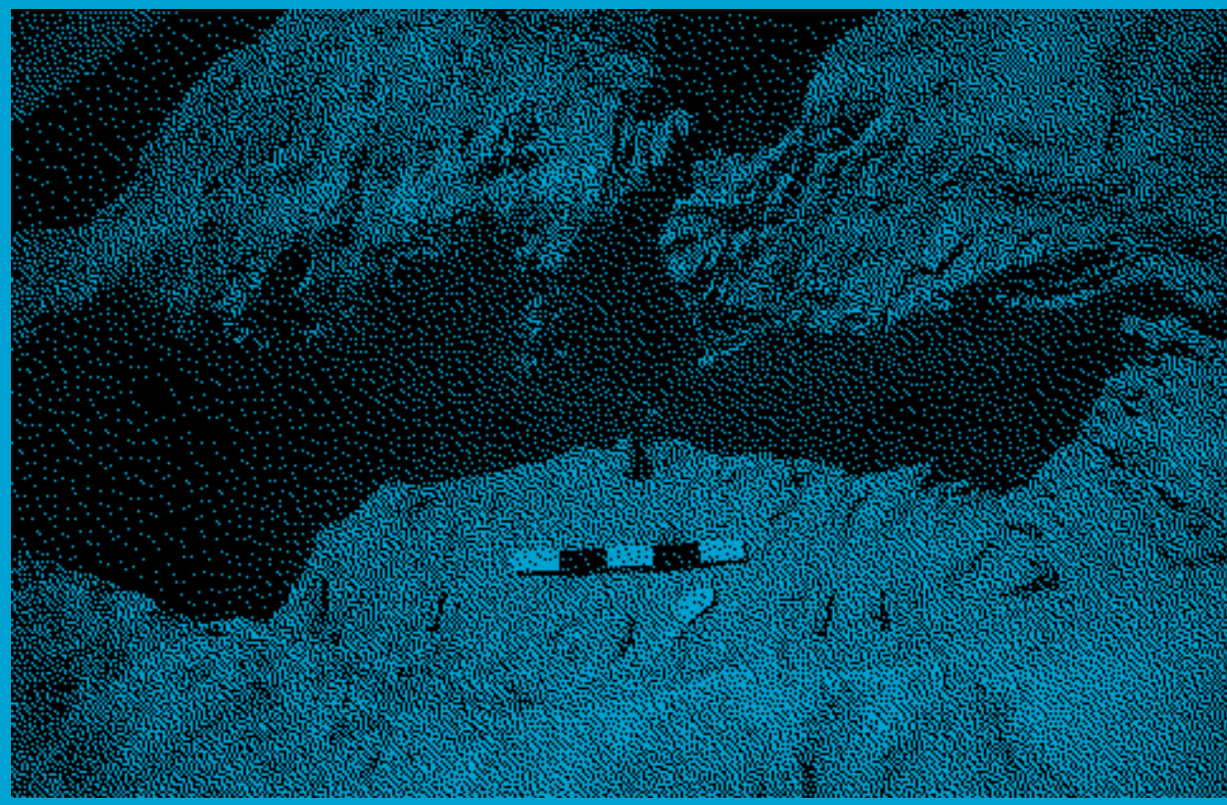
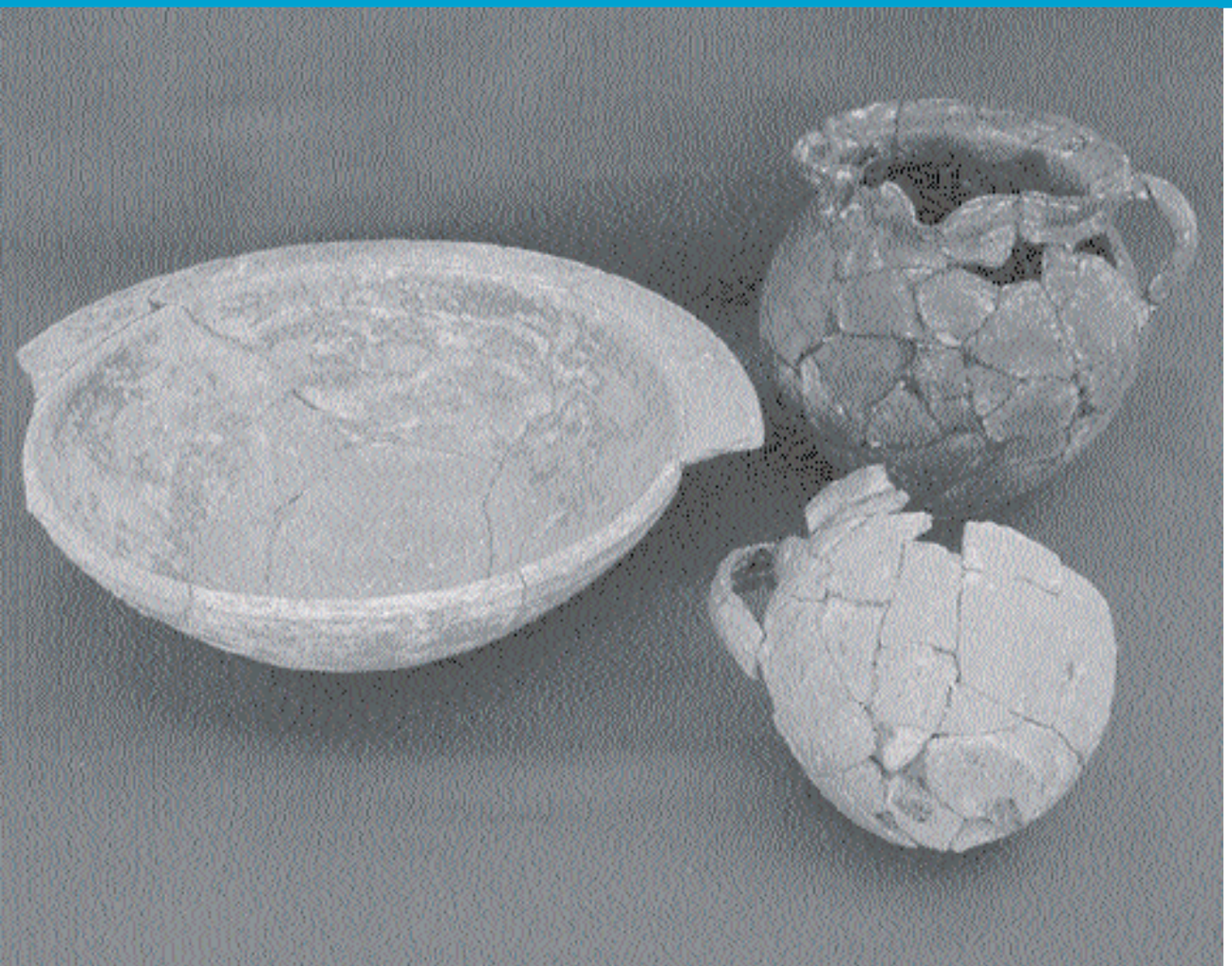


Figura 15
Disposição dos pregos na base da Sepultura 11.

Figura 14
Espólio funerário da Sepultura 6.



Tal como nas necrópoles alentejanas (Nolen, 1985; Frade & Caetano, 1993) e do Norte de Portugal (Lobato, 1996; Carvalho, 1991/92; Dias, 1993/94; Pinto, 1996), o espólio é, aqui, maioritariamente composto por recipientes de cerâmica comum, estando normalmente representadas as formas relacionadas com consumo de alimentos e bebidas (púcaros, bilhas, jarros e tigelas) e com a iluminação (lucernas). As bilhas recolhidas nas Sepulturas 9 e 11, por exemplo, parecem conter substâncias gordurosas, possivelmente resultantes da evaporação de líquidos que conteriam originalmente[6], e a lucerna de cerâmica comum encontrada na Sepultura 11 revelou vestígios de utilização. Outro aspecto recorrente é a colocação de recipientes já partidos ou usados dentro das sepulturas, como é o caso dos jarros provenientes das Sepulturas 4 e 8.

A morfologia das sepulturas (rectangulares e de grandes dimensões), os padrões de disposição do espólio funerário e a elevada acidez dos solos (que pode explicar a ausência total de materiais osteológicos, à semelhança do que ocorre noutros sítios arqueológicos próximos[7]) remetem para ritos de inumação. No entanto, esta não se encontra fisicamente documentada. A ausência de vestígios de utilização de contentores para a inumação dos corpos (apenas se registaram pregos nas Sepulturas 10 e 11) pode ter dois significados: ou foram utilizados caixões construídos sem o auxílio de elementos de ligação em metal, como se verifica nalgumas necrópoles da Gália romana (Tranoy, 2000), ou os corpos

[6] Apenas a análise dos sedimentos recolhidos no interior destes recipientes permitirá determinar com rigor a natureza do seu conteúdo.

[7] Durante as escavações das antas da Azinheira e da Fonte da Senhora 1, apesar de terem sido identificados contextos funerários conservados, não se registou nenhum vestígio de material osteológico.

A existência de dois grupos de sepulturas tipologicamente distintos parece estar relacionada com a utilização de caixões construídos em materiais perecíveis, nomeadamente madeira, em contraste com o recurso a "caixas" mais resistentes, elaboradas dentro da própria fossa de enterramento, com materiais de construção variados.

foram inumados directamente sobre a base da vala, provavelmente envolvidos em mortalhas. A Sepultura 14 sugere uma inumação deste tipo (a base da fossa tem apenas 30 cm de largura por 1,60 m de comprimento); a Sepultura 13, pelo contrário, apresenta paredes verticais e dimensões muito maiores, principalmente no que diz respeito à largura da base (mede 70 cm), a qual ultrapassa a largura das Sepulturas 10 e 11.

No caso da Sepultura 3 (sepultura de 'caixa' que não forneceu nenhum espólio, apesar de se encontrar selada), é pertinente levantar a hipótese de se tratar de um cenotáfio. A prática deste tipo de ritual funerário está documentada, sobretudo, para membros das elites romanas, mas tanto os dados arqueológicos (na Necrópole de Vinyals, com cronologia de finais do séc. II-séc. IV) como as fontes literárias (surge descrito num artigo da *Lex Collegi funeraci Lanuvini*, de 133) sugerem ter sido generalizada às várias 'classes' sociais (Gonzalez Villaescusa, 1993:414).

A existência de dois grupos de sepulturas tipologicamente distintos parece estar relacionada com a utilização de caixões construídos em materiais perecíveis, nomeadamente madeira, em contraste com o recurso a "caixas" mais resistentes, elaboradas dentro da própria fossa de enterramento, com materiais de construção variados. Embora não seja possível estabelecer se esta distinção arquitectónica tem, ou não, uma expressão cronológica concreta, corresponde, certamente, a uma diferente concepção da prática do ritual fúnebre. O problema está na (im)possibilidade de investigar o papel de outras variáveis que não a cronológica na produção das dissemelhanças identificadas no registo arqueológico.

É importante problematizar o significado das diferenças de natureza e quantidade do espólio funerário e das opções arquitectónicas que regeram a estruturação interna das sepulturas, em termos de preceitos de ritualização da morte. Apesar do claro enquadramento cronológico-cultural da necrópole dentro do 'mundo romano' (e mais especificamente tardo-romano), os diferentes aspectos analisados nas secções anteriores evidenciam variabilidade dentro do 'padrão material' produzido pelo 'comportamento romano' de ritualização da morte e dos mortos. A identificação sistemática destas variações dentro da mesma necrópole e entre necrópoles na mesma região, ao longo do período romano, tem levado os investigadores a questionar a existência de um ritual 'estabelecido', 'obrigatório' (Galliou, 1993: 243).

Esta questão prende-se com uma problemática complexa que deve ser considerada na abordagem do 'mundo romano': a interacção entre as leis imperiais e relações institucionais, definidas por um centro de poder que se pretende estruturante – Roma –, e os *habitus* e práticas sociais dos grupos humanos aos quais estas fórmulas são

Esta questão prende-se com uma problemática complexa que deve ser considerada na abordagem do 'mundo romano': a interacção entre as leis imperiais e relações institucionais, definidas por um centro de poder que se pretende estruturante – Roma –, e os *habitus* e práticas sociais dos grupos humanos aos quais estas fórmulas são impostas. Consequentemente, deve equacionar-se até que ponto a aparente padronização do registo arqueológico é o resultado da industrialização da produção e massificação do consumo dos produtos da tecnologia 'tipicamente romana' (por exemplo, determinados materiais como o vidro ou cerâmicas finas ...), mais do que da interiorização dos modelos de comportamento de Roma à escala do Império.

A uma escala intranecrópole, há ainda que considerar o papel do indivíduo na produção de variabilidade, materializável, ou não, em termos de registo arqueológico. A acção individual manifesta-se, por exemplo, na selecção de determinados artefactos usados ou parcialmente danificados, como oferendas funerárias. Por outro lado, as características específicas de cada sepultura e do seu espólio não deverão ser impermeáveis a questões de gosto pessoal.

6.2. A Necrópole da Fonte da Senhora 7 no âmbito da ocupação rural romana na região de Montemor

A ausência de trabalhos arqueológicos sistemáticos sobre a época romana, numa área amplamente conhecida pela abundância dos vestígios pré-históricos, e desde cedo vocacionada para os estudos megalíticos, tem sido responsável pelas lacunas do conhecimento histórico e arqueológico sobre a ocupação romana do espaço em que se inscreve a Necrópole da Fonte da Senhora 7. Esta situação contrasta com a dos concelhos limítrofes (nomeadamente, o concelho de Arraiolos), onde parece registar-se uma densa ocupação de época romana, sobretudo sob a forma de sítios de pequenas e médias dimensões (Silva & Perdigão, 1998).

Até aos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no contexto da minimização de impacto da Barragem dos Minutos, os elementos disponíveis para a área em estudo eram o resultado de pequenas intervenções e de achados dispersos, entre os quais se incluem moedas datadas dos séc. II-IV e raras inscrições (Pereira & Rodrigues, 1909). Entre as intervenções arqueológicas antigas, contam-se as escavações de emergência realizadas por Afonso do Paço e João de Lemos, na Herdade da Comenda da Igreja, as quais permitiram a caracterização de dois sítios de habitat de pequena dimensão: Curral dos Cães e Cabeço do Cervo (Paço & Lemos, 1962).

O sítio de Curral dos Cães compunha-se por dois edifícios distanciados entre si cerca de 400 m (a habitação principal de cinco compartimentos, e um edifício de uma única divisão) e uma pequena necrópole de três sepulturas em 'caixa', identificada a Oeste da habitação principal. O Cabeço do Cervo, a cerca de 1,5 km do Curral dos Cães, era constituído também por dois núcleos de construções, afastadas entre si cerca de 50 m. Os conjuntos artefactuais recolhidos nos dois sítios tinham

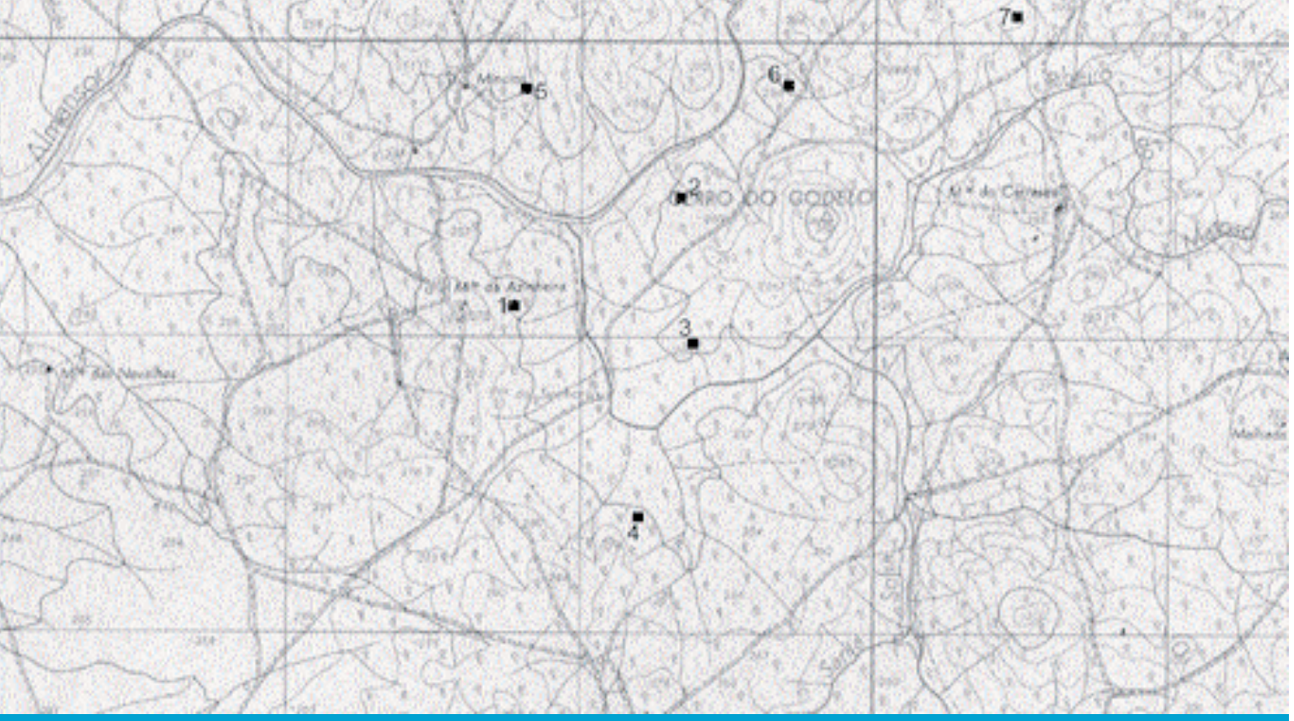


Figura 16
Localização dos sítios arqueológicos com cronologias da época romana e/ou alto-medieval intervencionados na área de impacto da Barragem dos Minutis (Carta Militar 1:25.000, fl. 448). (1) Fonte da Senhora 7, (2) Minutos11, (3) Cerro do Godelo 8, (4) Amoreirinha 13, (5) Minutos 6, (6) Minutos 9, (7) Ribeiro do Matoso 2

características idênticas (incluíam fragmentos de ânfora e cerâmicas finas, nomeadamente *sigillata* clara D), apontando para uma cronologia tardia dentro do período romano. O 'tesouro' monetário de Curral dos Cães permitiu datar o final da utilização deste habitat da segunda metade do século IV. Para esta cronologia concorreu igualmente a caracterização dos conjuntos artefactuais provenientes da necrópole, entre os quais se contam alguns objectos de ferro e três peças de vidro com cronologias centradas no século IV (Alarcão, 1973).

Recentemente, vários pequenos sítios de cronologia romana e tardo-romana foram intervencionados na área de impacto da Barragem dos Minutos. A maioria (Minutos 9, Minutos 11, Cerro do Godelo 8, Ribeira do Matoso 2, Amoreirinha 13[8]) corresponde a pequenos edifícios de cronologia e natureza pouco precisas, por vezes apresentando vários momentos de remodelação arquitectónica. A atribuição de cronologias tardo-romanas e/ou alto medievais resultou, sobretudo, da escassez de materiais arqueológicos e da ausência de elementos cronologicamente específicos, apesar de os conjuntos cerâmicos apresentarem tipologias semelhantes entre si.

Às imprecisões cronológicas acresce a dificuldade de caracterização da natureza dos contextos. As suas características e proximidade sugerem uma ocupação baseada na articulação de pequenas unidades arquitectónicas, de natureza e funções diversificadas, as quais incluem espaços domésticos e espaços subsidiários de funcionalidade específica (como anexos, currais, etc.). O problema está em saber se esta imagem sincrónica não se deve maioritariamente à ausência de dados que permitam identificar momentos diacrónicos. A excepção é o sítio dos Minutos 6, claramente mais antigo do que os anteriores, com uma cronologia de ocupação/abandono dos séc. I-III[9].

A relação da Necrópole da Fonte da Senhora 7 com o povoamento romano desta área está ainda por esclarecer. A proximidade de sítios de carácter doméstico de época romana e tardo-romana sugere uma ocupação mais ou menos intensa do espaço envolvente neste período, mas, até à data, não foi identificada nenhuma unidade ou

A relação da Necrópole da Fonte da Senhora 7 com o povoamento romano desta área está ainda por esclarecer. A proximidade de sítios de carácter doméstico de época romana e tardo-romana sugere uma ocupação mais ou menos intensa do espaço envolvente neste período, mas, até à data, não foi identificada nenhuma unidade ou conjunto de unidades de povoamento que se possam associar directamente à necrópole.

conjunto de unidades de povoamento que se possam associar directamente à necrópole.

A articulação entre o mundo dos mortos e dos vivos, em meio rural, é dificultada pela frequente escassez de dados respeitantes à localização do espaço funerário em relação aos ambientes em que os vivos actuam e se movimentam. Com excepção dos casos em que núcleos de sepulturas surgem na proximidade imediata de edifícios de habitação, a associação entre habitat e necrópole é complexa e remete para questões relacionadas com a própria organização social do mundo rural romano.

Agrupamentos de sepulturas em necrópoles mais ou menos vastas tanto podem corresponder a espaços funerários utilizados pelos habitantes de casais[10] dispersos ou de pequenos aglomerados populacionais (Ferdière, 1993a), como corresponder aos cemitérios dos trabalhadores das grandes *villae*, os quais se localizam sempre junto aos limites da *pars rustica*, geralmente no seu exterior (Martin-Kilcher, 1993: 153). O modelo explicativo que tem vindo a ser proposto para o enquadramento das grandes necrópoles romanas e tardo-romanas nos sistemas de ocupação do espaço rural no território português (Alarcão, 1990; Lobato, 1996; Dias, 1993/4) tem acompanhado a primeira hipótese interpretativa.

No caso da Fonte da Senhora 7, as dimensões e a aparente homogeneidade cronológica dos enterramentos sugerem uma utilização envolvendo uma população relativamente vasta, que ocuparia uma área próxima da necrópole. Dada a ausência de vestígios de *villae*, poderá sugerir-se a sua integração num povoamento rural constituído por pequenas unidades domésticas, organizadas, de forma dispersa ou associada, em pequenos aglomerados populacionais mais ou menos coesos, ainda por identificar. Contudo, foram descobertos contextos funerários associados a pequenos habitats relativamente próximos da necrópole: as três sepulturas de Curral dos Cães, e a sepultura do Ribeiro do Matoso 2 (a cerca de 2 km da Fonte da Senhora 7), cujos espólios apontam para uma cronologia centrada no séc. IV. Estes contextos indiciam que os habitantes destes 'casais' praticavam os ritos

[8] MELRO, Samuel, Amoreirinha 13. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos 2002, Era-Arqueologia, Lda; BRAZUNA, Sandra, Cerro do Godelo 8. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos 2002, Era-Arqueologia, Lda.; SANTOS, Sandra, Minutos 9. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos 2002, Era-Arqueologia, Lda.; GOMES, Sofia, Minutos 11. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos 2002, Era- Arqueologia, Lda.; BRAZUNA, Sandra, Ribeiro do Matoso 2. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos 2001, Era-Arqueologia, Lda.

[9] BRAZUNA, Sandra & SILVA, Inês Mendes da, Minutos 6. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos 2001/2002, Era-Arqueologia, Lda.

[10] Casal é aqui entendido apenas em termos de dimensão da habitação. A discussão respeitante à natureza da propriedade e ao estatuto socioeconómico dos seus habitantes ultrapassa o âmbito deste artigo.

funerários junto às suas casas, à semelhança do que tem vindo a ser documentado para os proprietários das *villae*. Assim sendo, quem utilizaria a Necrópole da Fonte da Senhora 7? Os dados disponíveis são insuficientes para privilegiar qualquer possível hipótese interpretativa.

Distinguir as necrópoles colectivas dos agrupamentos 'privados' de sepulturas (relacionados com determinadas explorações agrícolas) é particularmente difícil, tendo em conta que uma das características fundamentais do espaço funerário em meio rural é a sua aparente ausência de 'estruturação' (Ferdière, 1993b: 440), ou melhor, a sua aparente não participação na organização 'estrutural' do território. No meio rural, em que a delimitação de 'unidades territoriais' extensas é percebida sem o auxílio de fronteiras físicas, o papel das necrópoles colectivas poderá ter sido relevante na construção da paisagem durante o período romano. No caso das necrópoles não monumentais, porém, esse papel dificilmente poderá ser explorado devido ao desaparecimento das estruturas perecíveis que lhes dariam visibilidade. Embora nalgumas regiões haja uma tendência para a localização de necrópoles ao longo de vias de comunicação (nomeadamente, cursos de água), os autores reconhecem que a escolha desta localização está longe de ser sistemática (Brissaud, 1993: 260).

No caso da Fonte da Senhora 7, a necrópole estaria implantada num socalco aplanado de uma vertente cujo declive, pouco acentuado, decresce no sentido Oeste-Este, em direcção à margem do Ribeiro do Mattoso, que tem aqui um curso regular de orientação Sul/Norte. A profunda alteração da paisagem devido à extracção de terras para a construção do paredão da barragem, situado a algumas dezenas de metros a Norte do sítio arqueológico, não permite a percepção das características de implantação da necrópole. Embora não se conheça nenhuma via ou caminho de circulação terrestre com os quais relacionar a sua localização, a Necrópole da Fonte da Senhora 7, à semelhança do que acontece com outras necrópoles rurais tardo-romanas hispânicas (Carmona Berenguer, 1997), encontra-se directamente associada à proximidade de um curso de água.

6. Considerações finais

Futuros trabalhos de caracterização da ocupação romana desta área são essenciais para o enquadramento da Necrópole da Fonte da Senhora 7 na rede de povoamento dessa época. Por enquanto, fica por determinar se a necrópole estará associada a um único sítio de habitat ou a um conjunto mais ou menos disperso de pequenos núcleos habitacionais, em utilização durante o período tardo-romano (séc. III-V).

A importância do estudo dos sítios romanos que têm vindo a ser identificados, na sequência dos trabalhos de minimização de impacto da Barragem dos Minutos, entre os quais a Necrópole da Fonte da Senhora 7, prende-se com o conhecimento das formas de organização do espaço e com a sua integração numa rede articulada de povoamento rural, em época romana. A compreensão das dinâmicas da ocupação humana exige uma visão englobante da paisagem, composta simultaneamente por espaços domésticos, nas suas diversas formas de exploração, e por espaços funerários.

Bibliografia

ALARCÃO, J. (1965), Vidros romanos de Conimbriga. Museu Monográfico de Conímbriga.

ALARCÃO, J. (1973), "Vidros romanos da Herdade da Comenda da Igreja", in Separata de Biblos, XLI.

ALARCÃO, J. (1976), "Sobre a economia rural do Alentejo na época romana", in Conimbriga, XV, p. 5-44.

ALARCÃO, J. (1990), "Produção e circulação dos produtos", in Nova História de Portugal, vol. 1, p. 417-424.

ALARCÃO, J. & ALARCÃO, A. (1966), "O espólio da necrópole romana de Valdoca (Aljustrel)", in Conímbriga, V, p. 7-104.

BRISSAUD, L. (1993), "Sépultures et habitats gallo-romains en Bas-Berry", in Monde des Morts, Monde des Vivants en Gaule Romane. Actes du Colloque ARCHEA/AGER, 6e supplément à la Revue Archéologique du Centre de France, p. 255-263.

CARMONA BERENGUER, S. (1997), "Las necrópolis tardoromanas y de época visigoda en Andalucía en el ámbito rural", in Actas del Congreso Internacional La Hispania de Teodosio, vol. 2, Segovia, p. 425-434.

CARVALHO, H. (1991/92), "Materiais inéditos das necrópoles romanas de Garfe e Brunhais, Póvoa do Lanhoso", in Cadernos de Arqueologia, série II, vol. 8-9, p. 143-176.

DIAS, L. (1993/1994), "Necrópoles no territorium de Tongobriga", in Conimbriga, XXXII-XXXIII, p. 107-136.

FERDIÈRE, A. dir. (1993a), Monde des Morts, Monde des Vivants en Gaule Romane. Actes du Colloque ARCHEA/AGER, 6e supplément à la Revue Archéologique du Centre de France.

FERDIÈRE, A. (1993b), "Conclusions", in Monde des Morts, Monde des Vivants en Gaule Romane. Actes du Colloque ARCHEA/AGER, 6e supplément à la Revue Archéologique du Centre de France, p. 433-443.

FRADE, H. & CAETANO, J. C. (1993), "Ritos funerários romanos no Nordeste Alentejano", in Actas do II Congresso de História Antiga, Coimbra, p. 847-872.

GALLIOU, P. (1993), "Monde des morts et monde des vivants dans les campagnes de l'Armorique romaine", in Monde des Morts, Monde des Vivants en Gaule Romane. Actes du Colloque ARCHEA/AGER, 6e supplément à la Revue Archéologique du Centre de France, p. 241-246.

GONZALEZ VILLAESCUSA, R. (1993), "Monde des morts et monde des vivants en Pays Valencien (Hispania Tarraconensis)", in Monde des Morts, Monde des Vivants en Gaule Romane. Actes du Colloque ARCHEA/AGER, 6e supplément à la Revue Archéologique du Centre de France, p. 411-416.

HARRIS, E. C. (1989), Principles of archaeological stratigraphy, 2.ª ed., London: Academic Press.

ISINGS, C. (1957), Roman Glass from dated finds, Ed. J. B. Wolters, Groningen.

LAIZ REVERTE, M.ª D. & BERROCAL CAPARRÓS, M.ª C. (1992), "Elementos para la datación cronológica de las necrópolis paleocristianas de San Antón en Cartagena", in IV Reunión d'Arqueologia Cristiana Hispánica, p. 163-172.

LOBATO, M.ª José (exemplar policopiado), A Necrópole romana de Gulpilhares, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1996.

MARTIN-KILCHER, S. (1993), "Situation des cimetières et tombes rurales en Germania superior et dans les régions voisines", in Monde des Morts, Monde des Vivants en Gaule Romane. Actes du Colloque ARCHEA/AGER, 6e supplément à la Revue Archéologique du Centre de France, p. 153-164.

NOLEN, J. (1981), "A necrópole de Santo André", in Conimbriga, vol. XX, p. 33-178.

NOLEN, J. (1995/1997), "Acerca da cronologia da cerâmica comum das necrópoles do Alto Alentejo: novos elementos", in O Arqueoólogo Português, série IV, vol. 13/15, p. 347-392.

NOLEN, J. (1988), "A villa romana do Alto da Cidreira (Cascais)- os materiais", in Conimbriga, XXVII, p. 61-140.

NOLEN, J. (1988), "Os vidros de S. Cucufate", in Conimbriga, XXVII, p. 5-59.

PAÇO, A. & LEMOS, J. (1962), "Reconhecimentos arqueológicos de emergência nas herdades da Comenda da Igreja e Comendinha (Montemor-o-Novo)", in XXVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Secção VII (História e Arqueologia), Porto, p. 317-333.

PEREIRA, E. & RODRIGUES, G., dir. (1909), Diccionario historico, chorographico, biographico, bibliographico, heraldico, numismatico e artistico de Portugal, vol. IV (L-M), Lisboa, João Romano Torres & C.ª Editores.

PINTO, G. (ex. policopiado), A Necrópole de Montes Novos - Croca. Um cemitério da Gallaecia Tardorromana, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Fac. Letras da Universidade do Porto em 1996.

RODRÍGUEZ NEILA, J. (1991), "Espacios de uso funerário com indicación de medidas en las necropolis romanas", in Conimbriga, XXX, p. 59-94.

SILVA, A. C. & PERDIGÃO, J. (1998), Contributo para a Carta Arqueológica de Arraiolos, C. M. Arraiolos.

SILVA, C. T. (1965), "Necrópole luso-romana de São Sebastião (Setúbal)", in LVCERNA, vol. V – Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia, Porto.

TRANOY, L. (2000), "La mort en la Gaule romaine", in, Alain Ferdière (dir.) Archéologie funéraire, Editions Errance, Paris, p. 86-104.

VALERA, A. C. (1998), 'Análise da componente artefactual', in Lago, M. et al; "O Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz) : dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997", Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. 1, n.º1, Lisboa, IPA.